



Caboclo Pery

A entidade espiritual que se apresenta como Caboclo Pery é o Guia-Chefe do Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade e o espírito “dono” de minha cabeça, ou seja, meu guia de frente. Sinto-o como um pai verdadeiro, ao qual tenho muito respeito. Inesquecível a cena clarividente, quando estava na escola de médiuns, em um centro espírita pertencente à federação do Rio Grande do Sul – o Caboclo, com um pilão à frente, macerava inúmeras folhas, pegava a “papa” resultante, com as mãos em cunha, colocava-a em minha cabeça e beijava-me na testa.


Foi esse Caboclo que me orientou a fundar nossa comunidade terreiro. É ele que, no Astral, dirige todos os trabalhos e delibera sobre tudo o que é feito, pois é um espírito enfeixado na irradiação de Xangô. Por isso temos um pilão em frente ao nosso congá. Caboclo Pery faz parte de uma falange de trabalhadores na Umbanda que “moram”, no Plano Astral, na colônia espiritual conhecida como Metrópole do Grande Coração, onde se localiza a sede da Fraternidade da Cruz e do Triângulo. Nessa imensa urbanização extrafísica universalista, Caboclo Pery coordena uma série de atividades, entre elas

a de instrutor, um mestre professor que literalmente dá aulas a uma plêiade de alunos que estudam a Umbanda e que vão assistir a suas exposições desdobrados, ou seja, fora do corpo físico.

Este livro, *Cartilha do Médiun Umbandista*, é o segundo volume de uma trilogia, que dá continuidade ao projeto de deixarmos para as gerações futuras os registros etnográficos do modo de ser do Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade escrevendo e interpretando suas chaves teológicas ritolíticas. Todavia, neste volume, enfatiza-se mais o aspecto comportamental do médiun aspirante a membro da corrente. É a segunda “apostila” de estudo, a primeira foi *Iniciando na Umbanda – a psicologia dos Orixás e dos cristais*; outra virá na sequência, completando-se a trilogia. Não é uma obra psicografada, no sentido clássico, mas um singelo compêndio coordenado e orientado por Caboclo Pery, que, comigo em desdobramento natural durante o sono físico, me orienta sobre o que devo escrever. Obviamente, há a experiência prática aliada ao estudo e à pesquisa contínua, pois o médiun deve estudar sempre; são subsídios indispensáveis ao tipo de mediunidade vigente na atualidade, mais intuitiva e consciente, e cada vez menos sonambúlica, fenomênica e inconsciente.

Há que se registrar que tudo acontece dentro de uma graduação previamente planejada. Se não tivesse, há 10 anos, fundado uma comunidade terreiro, vivenciado intensamente todos os percalços de manutenção de um congá sob a égide da Lei de Umbanda em todo este tempo, certamente não teria condição de escrever o que ora me solicita o Plano Espiritual.

Mesmo assim, sem o amparo do lado de lá, nada realizaríamos, pois eles são o rumo e o direcionamento que nos mantêm firmes nos passos a serem dados. Somente assim conseguimos seguir em frente no caminho que se nos apresenta – o programa de vida delineado antes de encarnarmos na presente forma física.



Diversidade é da natureza universal e ser diferente é normal e saudável

As religiões são múltiplas, polifônicas, variadas. Analisando duas das diversas origens da Umbanda, a africana e a indígena, constatamos que, na África, não existe o mesmo culto entre duas tribos, dois locais diferentes, da mesma forma entre os silvícolas brasileiros. A oralidade e a ancestralidade multiplicaram as possibilidades da magia, e, às vezes, em uma mesma comunidade ou região, cada família cultua o Sagrado de determinado modo. Na Umbanda, nascida no Brasil, a diversidade se expandiu ainda mais, resgatando nossa ancestralidade, pois cada terreiro umbandista é uma irmandade espiritual e livre para conduzir-se teologicamente.

Não vejamos a diferença como erro, mas como riqueza. Na Umbanda não há um só jeito de organizar liturgicamente o culto aos Orixás e aos falangeiros – guias e mentores. Existe, sim, uma mesma essência que nos enraíza como irmãos de fé umbandista: a manifestação

do espírito para a caridade. O que acontece é o seguinte: existem acomodações ritualísticas em volta desse núcleo duro, e o que se afasta da manifestação do espírito para a caridade não é Umbanda. Simples assim.

Os espíritos na Umbanda, seus guias e mentores, falam aconselhando as criaturas da Terra, normalmente, como se estivessem “encarnados” em seus médiuns, através dos tranSES ou estados alterados de consciência. Essa é uma característica marcante que nenhuma outra religião apresenta com a mesma intensidade da Umbanda. E notemos que, se entre os espíritos luminares da Umbanda não há codificação, mas uma rica pluralidade quando eles nos instruem sobre a religião, basta verificarmos na literatura mediúnica a diversidade de acomodação ritual – forma – de um para outro autor do lado de lá; obviamente, no lado de cá não haverá um autor que preponderará sobre os outros, impondo uma forma ritual de Umbanda a todos os demais.

Por isso a Umbanda é tão rica, tão marcadamente da Nova Era, tão visceralmente condutora para a transição das consciências rumo a um Mundo de Regeneração. A Umbanda não tem um profeta revelador divino, não tem um livro sagrado, um poder “eclesiástico” superior e muito menos um “papa” do saber. Se a Umbanda fosse criada para ser igual às outras religiões, dogmática, com um corpo sacerdotal central, seria mais uma, entre tantas, a priorizar a verdade com um senso de perfeição único, etnocêntrico, hegemônico e de “infalível” caminho.

A Umbanda não faz proselitismo, não busca seguidores, não arrebanha fiéis e não exige conversão. Na sua diversidade de formas rituais, contempla amplo espectro de consciências, harmonizando-se com a coletividade e, ao mesmo tempo, instruindo sobre o papel espiritual de cada cidadão diante das leis cósmicas evolutivas.



O médium iniciante na Umbanda

A Umbanda não é uma religião de conversão, que busca cooptar adeptos para sua doutrina. É impossível encontrarmos uma genuína entidade que faça parte do movimento umbandista no Plano Astral dizer que esta ou aquela religião é a mais verdadeira, muito menos exigir que se deva entrar numa determinada confissão religiosa, culto, igreja, doutrina ou seita. O caráter respeitoso se encontra em todos os terreiros e podemos verificar isso na assistência à diversidade e à mistura, com todos juntos, sentados lado a lado, democraticamente. A premissa de abordagem religiosa umbandista parte do pressuposto de aceitação incondicional da fé do consulente, daí direcionando-o à compreensão das leis cósmicas, que valem para todas as religiões da Terra.

O trânsito inter-religioso no universo dos terreiros é intenso. Muitos saberes circulam desde a assistência, a parte de fora, até os médiuns incorporados com seus guias, a parte de dentro, e destes que pedem ajuda para outras comunidades, num saudável encontro ecumênico, convergente e universalista. Neste ir e vir, alguns vão ficando, tornando-se assíduos na frequência, escutando palestra, ouvindo os aconselhamentos, recebendo os passes magnéticos.

Há uma parcela que recebe um chamamento de seu interior, seja por uma forte emoção de sentir no âmago de suas almas “aqui é o meu lugar”, seja por serem médiuns e virem irromper abruptamente os canais de comunicação com o mundo dos espíritos. Esse é o público eletivo que se fixa nos terreiros, uma minoria, se comparado à multidão que só busca a Umbanda em seus momentos de sofrimento, para apaziguar seus psiquismos, cicatrizar chagas e nunca mais aparecer, ou, ao menos, até uma próxima oportunidade de auxílio, podendo continuar em suas igrejas, centros espíritas ou filosofias de livre escolha, sejam elas quais forem, não importando à Umbanda suas procedências, mas o melhoramento que cada um vai galgar.

De maneira geral, cada terreiro tem suas normativas, mas podemos afirmar que há médiuns não “educados” que frequentam suas assistências, variando o tempo de um terreiro a outro, até que chega o momento em que uma das entidades manifestadas durante o aconselhamento espiritual orienta o neófito quanto à necessidade de ele fazer parte da corrente para “desenvolver” sua mediunidade. Nessas ocasiões, segue-se um esclarecimento mais detalhado das responsabilidades que o “futuro” médium aceitou assumir antes de reencarnar. Nada é um acaso, e os espíritos comprometidos com seus médiuns aguardam pacientemente que eles se firmem, que parem de bater cabeça aqui ou acolá, rolando como pedras montanha abaixo.

Há que se considerar que os espíritos também estão evoluindo, e as tarefas a serem executadas no mediunismo de terreiro umbandista, adredemente combinadas no Plano Astral antes de o medianeiro reencarnar, servem de instrumento ao Plano de Vida de todos os envolvidos, em conformidade com os laços cármicos que os unem e, fundamentalmente, com o destino que cada consciência aceitou seguir para seu próprio melhoramento íntimo.

O Plano de Vida ou destino do médium é previamente traçado antes de sua encarnação, e a “Administração Divina” jamais elabora programas absurdos, injustos ou impossíveis. Há de viver e cumprir

seu destino, que é o resultado específico da soma das virtudes e dos vícios perpetrados em suas encarnações anteriores. Tudo é examinado e programado, de modo a favorecer o encarnante quanto a sua vida atual no corpo físico. A mediunidade é ferramenta para potencializar suas vivências transitórias na materialidade em conformidade com um esquema retificativo necessário para saldar seu carma passado.

Assim, a adesão de um novo médium a uma corrente mediúnica constituída, ativa e fazendo a caridade sob a égide da Lei de Pomba, é um importante e crucial passo no sentido de evolução anímica e, conseqüentemente, espiritual. O Guia-Chefe do terreiro, ao aquiescer à entrada do *iniciando* na comunidade de axé, sabe dos compromissos de todos os envolvidos e “torce” para que o aprendiz seja bem-sucedido.

Ora, como estamos na Terra, muitos fatores contribuem para que o aspirante a médium seja derrotado, tirado do caminho que pretende seguir, vinculando-se a uma corrente. Questões metafísicas espirituais, desafetos do passado que se rebelam, fraquezas morais que ainda precisam ser sublimadas, familiares de outras confissões religiosas que se opõem, dificuldades financeiras, assédios diversos tanto de encarnados como de desencarnados, aliados à própria ignorância do pretendente a médium, contribuem para que ele desista de sua intenção de permanecer vinculado à corrente.

Entendemos como fator crucial para o fortalecimento do médium aspirante, neófito ou iniciando, não importa como o chamemos, a presença do estudo na agremiação a que se propõe vincular-se, associado à prática continuada e assistida da mediunidade. A ausência de estudo aumenta a dificuldade em lidar com os diversos fenômenos psíquicos, emocionais e mediúnicos que se apresentarão e, inexoravelmente, serão experienciados visceralmente na Umbanda. O desconhecimento é mola propulsora para espíritos mistificadores, que procuram fazer de tudo para tomar conta das “cabeças” dos médiuns deseducados, e, obviamente, o pertencimento a uma comunidade terreiro umbandista os desagrade enormemente.

Esta singela obra é direcionada para os médiuns iniciantes na Umbanda; um breve roteiro comportamental aos que estão colocando a roupa branca pela primeira vez e começam a participar dos trabalhos práticos de terreiro. Não temos a ambição de agradar a todos, muito menos estabelecer um código rígido de observância teológica ou de conduta ritolitérgica dentro da religião. Tão somente, por orientação espiritual, dividiremos alguns conhecimentos praticados no Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade, na forma democrática e acessível de uma “cartilha” básica de estudo, que pode servir a qualquer médium umbandista, independentemente da organização ritual do terreiro que frequenta. Almejamos, somente, auxiliar em sua adaptação nesse período tão delicado de sensibilidade exaltada, normalmente acompanhada de muitas dúvidas e natural insegurança.

Assuntos que despertam mais curiosidade, dentro da dinâmica básica essencial da Umbanda, serão tratados, oportunizando aos iniciandos o mínimo de conceituação teórica sobre muitos dos aspectos “ocultos” dos rituais umbandistas, que, de outra forma, poderiam levar anos para o saberem, se é que o saberiam, pois, infelizmente, em muitas agremiações não existem nenhum estudo, instrução oral ou mesmo uma mínima apostila explicativa. Ainda, muitos sacerdotes umbandistas são contra o estudo continuado e exigem que os médiuns aguardem pacientemente sua vontade de explicar o básico doutrinário de Umbanda.

Claro está que quaisquer teorias sem a prática na Umbanda são meros alimentos do intelecto. O estudo é imprescindível associado aos pés no chão do terreiro, pois o médium que se informa e busca entender o que ocorre em seu campo íntimo de fenômenos psíquicos, aliando esse entendimento à compreensão maior do sentido dos ritos de que participa, obviamente será um mediador mais apurado para os Guias Astrais que o assistem. Isso se deve pelo fato de a mediunidade inconsciente ser hoje quase inexistente e não encarnarem mais sensitivos com essa característica, de perda da vigília e não se lembrar de nada após o transe – estado alterado de consciência.

A primeira quebra de paradigma que propomos a todo iniciando na religião de Umbanda é ele assumir que se lembra, nem sempre totalmente, do que ocorreu durante o transe vivenciado. Entendendo que isso é um processo natural, descomprime-se seu psiquismo, fazendo-o perder o medo. A partir de então, conscientes da tarefa que se apresenta adiante, assumimos que somos responsáveis diretos por nossa educação anímico-mediúnica, pois os espíritos não provocarão um “apagão” em nossas mentes e farão tudo por nós.

É com o estudo contínuo, em parceria com a prática, que a vivência em comunidade terreiro – templo umbandista – propicia alcançar o SABER VIVENCIADO (equilíbrio mediúnico, consistente espiritualização, sólida religiosidade); a pedagogia do terreiro desenvolve sentimento de pertença ao grupo (humano e astral) oferecido pelo tempo adequado de instrução, aprendizagem e trabalho caritativo associados num mesmo Espaço Sagrado, sem pressa, disciplinando nossos impulsos inferiores pelas vivências rituais e, assim, alcançando maturidade psíquico-emocional, o que nos torna melhores espíritos e consciências, mais serenos, amorosos, fraternos e felizes.